

Um oratório popular: reisados do cariri

Verônica Inaciola Costa Farias da Cruz*¹

Resumo

O mito fundante dos reisados na Região do Cariri compreende a mesma lógica do catolicismo santeiro medieval, que inaugurou um Brasil católico no século XVI, mas que assumiu novos contornos conforme foi entrando em contato com outras visões de mundo, principalmente as cosmovisões dos povos originários e mais tarde com as cosmovisões dos negros africanos que sofreram a diáspora para serem escravizados. Religiosidades que se construíram no percurso de uma história que vem a cada dia mais precisando ser recontada. Neste sentido, pretende-se com esse trabalho fazer um recorte para dimensionar em outro momento dessa história, como foi a contribuição de Padre Cícero, o santo homem de Juazeiro do Norte, lugar onde a religiosidade popular pulsa forte, para um universo onde se imbrica a cultura e a religiosidade popular, protagonizadas aqui pelos reisados, não só como folguedos, mas como religião que se inaugura na concepção das novas gerações que reinventam a tradição no fluxo da cultura, mantendo viva a chama da fé no seu mito fundante: a narrativa do evangelho de Mateus 2, sobre a passagem da visita dos Magos no lugar onde nasceu Jesus para adorá-lo. Vamos reconhecer em padre Cícero um grande incentivador desses fazeres populares que mantiveram vivas as chamadas do catolicismo, embora o processo de romanização tenha excluído das liturgias das igrejas, todas essas práticas que já demonstravam uma forma sincrética de crer, não tendo portanto a intenção de romantizar esse sincretismo, vamos falar de todo conflito à ele imbricado e aceita-lo como elemento fundamental para que essa religiosidade popular possa se expressar, pois é ele a chancela para tanta representação de fé que esses autos devocionais transmite aos seus seguidores e os mantém na crença, atravessando ameaças e discriminações. Navegando na historicidade que demarca a importância desses fazeres imbricados a uma religiosidade que as sustenta na contemporaneidade, onde os mestres que mantém a tradição, repassam aos jovens a originalidade que perfaz cada um deles numa mediação de sociabilidades, tão importantes para os sistemas de trocas, como em Mauss (2013), onde os modelos de trocas e de contratos perfazem um fenômeno humano que não exclui os processos econômicos e sociais, que oportunizam os eventos miraculosos que são as narrativas mais frequentes desses devotos brincantes que mantém acesa a chama dessa fé que atravessa séculos. Os grupos de reisados de Juazeiro do Norte, assim como os das outras regiões do Brasil, como podemos conferir em diversos trabalhos acadêmicos atuais, e no trabalho de tese sobre as Folias de Reis da Região Metropolitana do Rio de Janeiro que estou realizando. É importante percebermos que esses grupos estão mais vivos do que nunca e protagonizam em praça pública toda essa história de resistência em um canto festivo e numa corporeidade que se manifesta nos bailados que dão o tom da negritude dos congos, como por exemplo o Reisado ‘Discípulos de Mestre Pedro’, comandado por Mestre Antônio que mantém há décadas as tradições dessa Folia de Reis. Todos esses grupos, embora alguns tragam uma africanidade mais acentuada, estão todos embalados pela comemoração ao nascimento de Jesus. Essa concepção de que “céu e terra”, não precisam estar separados nos fazeres do homem nos aproxima do sentido de que uma festividade pode abranger essas necessidades humanas, “ideal terapêutico”, como exemplificou Cox (1974, p.83), onde a grande importância

¹ Mestre em Ciência da Arte, UFF; doutoranda em Ciências da Religião, UNICAP; Pedagoga; pesquisadora das artes e das religiosidades populares fluminense; autora do livro Folias de Reis em São Gonçalo: irmandade e patrimônio.

está justamente nessa união de fatores. Abolindo -se assim a fronteira que possa se estabelecer entre o sagrado e o profano, nessa religiosidade popular ela não existe. A importância da festa no fortalecimento da fé ou não, perpassa o campo das representações simbólicas, elas não funcionam como reguladoras da ordem social, para Geertz (1978, p. 311), elas são rituais em que as pessoas vivem na celebração coletiva da cultura, o seu próprio modo de ser, ele não a ver como uma forma de reduzir conflitos ou de se inverter as relações de poder, para ele, brigas de galos (como as da Ilha de Bali, por ele estudada), danças no templo, ou festas de aldeia representam uma história que as pessoas contam sobre si mesmas, são metáforas inscritas na cultura. Neste trabalho vamos mostrar através de metodologias que permitam um diálogo entre as pesquisas empíricas e as análises de conceitos que nos aproxima de respostas que de conta às indagações que se fazem pertinentes como essas práticas resistem em suas religiosidades que apesar de todo sincretismo manifestado, fazem da fé católica o fundamento de suas existências. Levando em consideração as abordagens de COX (1974), em que a aproximação com o sagrado é fundamental para a recriação do humano, ou seja a crença na divindade fortifica para as lutas cotidianas, afastando as dores e trazendo alegrias, podemos então aqui fazer um parêntese para definir os momentos festivos fundamentais no culto aos Santos Reis feitos por esses grupos devocionais, embora esse culto em Juazeiro se apresente de forma diferenciada do Rio de Janeiro, apenas nas peculiaridades regionais, por conta das diferenças culturais, tão bem representadas por Bhabha (2001), constatado no decorrer desta pesquisa, nas considerações teóricas, mas sobretudo nos dados empíricos levantados com os pesquisadores, devotos, mestres e foliões dos Santos Reis, como essa devoção atravessa séculos, mesmo diante de todas as ameaças que cercam esses territórios onde esses grupos realizam seus rituais sagrados, tendo que estabelecer negociações para a circulação de suas práticas rituais no espaço público, embora reinventadas, conforme mediou Hobsbawm e Ranger (2018), sobre as impingências dos agentes de “modernização” que tentam sobrepor os seus conceitos aos mitos já fundamentados de um determinado grupo, ou de uma determinada sociedade, exemplos claros numa colonização. Se a história de Juazeiro do Norte se imbrica à vida e obra, ficção e realidade de padre Cícero, conforme mediou Della Cava (2014, p.56), sobre o sonho revelado em uma iconografia sagrada que fez com que o santo padre permanecesse em Juazeiro do Norte e contribuísse tanto para a religiosidade e a cultura brasileira.

Palavras- chave: religiosidade popular, reisados, milagres, sociabilidades.